

GRACIELA SCHMILCHUK



Quem decide o que é patrimônio cultural?

Estudo de sua valorização na cidade de Chihuahua.

Tradução: Alberto Coelho

RESUMO

Este artigo refere-se ao projeto de criação de um museu, em 2000, na cidade mexicana de Chihuahua que, apesar de não ter prosperado, permitiu a autora indagar sobre a noção de patrimônio. Introduce o assunto descrevendo alguns museus mexicanos e como surgiram suas coleções. Seguem considerações sobre de quem seria a responsabilidade das escolhas do material, um jogo articulado por critérios acadêmicos e políticos. O que deve ficar definido como um bem patrimonial? O modelo de museu defendido se apresenta como um espaço atravessado pelos frequentadores, que se deixa pertencer à comunidade, fluindo no seio da própria cultura a qual representa.

PALAVRAS-CHAVE

Museu, patrimônio tangível e intangível, cidade de Chihuahua.

QUEM DECIDE O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL? ESTUDO DE SUA VALORIZAÇÃO NA CIDADE DE CHIHUAHUA

Em cada museu, diante de cada coleção, cabe perguntar-se quem decidiu em nome de todos nós que estes objetos merecem ser investigados, conservados e difundidos, e os outros, os descartados ou ignorados, não.

Costumam ser os peritos de cada disciplina aqueles que investigam, localizam objetos para formar a coleção e fazem a seleção final, ainda que em matéria de história e arte, o estado tem no México a primeira e a última palavra. A esse respeito, é ilustrativa a explicação feita pelo Dr. Jaime Cuadriello, especialista em arte colonial, que foi assessor, para o período, da formação da coleção do MUNAL. “A ordem foi clara, o museu deveria reforçar a identidade nacional”, a seleção, investigação, museografia e aparato educativo deverão ajustar-se à ela. Sem esta ordem o Museu Nacional de Arte poderia ter alojado, por exemplo, arte internacional, como tantos recintos dos Estados Unidos e da Europa¹.

Apesar de que as decisões sejam tomadas nestes níveis, os museus esperam que cheguemos a nos identificarmos com suas coleções e que as reconhecamos como nosso patrimônio.

Há, então, critérios acadêmicos e critérios políticos em jogo: também o Museu Nacional de História, o Museu Nacional de Antropologia e os museus regionais de INAH são exemplos disto. Os investigadores, por certo, encontram duros limites na disponibilidade de obras ou de orçamento para adquiri-las, porém, a tendência é completar conjuntos com empréstimos, preenchendo os vazios detectados pela investigação.

As coleções doadas, sejam por artistas ou colecionadores, origem de vários museus (Rufino Tamayo, José Luis Cuevas, Manuel Felguérez, Franz Mayer) giram ao redor de outros impulsos: sua preferência por certas correntes, a imprevisível aquisição de obras por troca com colegas ou a subjetividade do gosto pessoal.

Nos museus comunitários do México e de outros países, a coleção se estabelece com base em histórias, costumes e valores compartilhados por boa parte da comunidade, que dá lugar a musealização do patrimônio tangível, atua como eixo da prática e da preservação do patrimônio intangível. A comunidade sabe ou intui o que merece ser preservado e inicia um processo de construção patrimonial formalizado, para torná-lo público entre a comunidade ou mais além dela.

 Em ocasião do Foro Comunicação em Museus, patrocinado pelo INBA e La Vaca Independiente em 1994.

No meio urbano, os acordos sobre valorização patrimonial devem ser negociados constantemente, posto que as trocas são mais aceleradas que no meio rural ou semi-rural. Os edifícios são destruídos, desaparece o mobiliário, arquivos, celebrações, hábitos públicos e privados. Talvez não seja algo grave em si, senão na medida em que a memória, a afetividade, algo da subjetividade e da identidade ficam apegados a isso que desaparece ou se transforma, dissociando esse apego da realidade de novas práticas. Permitir sua desaparecimento total implica um risco de desequilíbrio identitário. Da consciência, firmeza e poder dos atores dependem o que se preserva e o que não se preserva.

E, quando digo consciência me refiro a certa clareza a respeito não somente da importância que se impõe a certos bens móveis, imóveis ou naturais, senão, as adesões, as crenças e valores que sustentam dita clareza. Conhecimentos, crenças e valores são parte substancial do patrimônio intangível que possibilita a preservação do patrimônio tangível.

“O que representa o patrimônio intangível para cada localidade específica é objeto de um reconhecimento cada vez mais generalizado como reação frente ao fenômeno da globalização”². E, existem duas tendências, uma a transformar o patrimônio intangível em uma forma tangível (registro, documentação, arquivo) ou a de mantê-lo vivo em seu contexto original, para evitar a folclorização, essa é a tendência mais apoiada pela UNESCO atualmente. A UNESCO difunde, além disso, a seguinte caracterização:

“Poderia definir-se o patrimônio intangível como o conjunto de formas de cultura tradicional e popular ou folclórica, quer dizer, as obras coletivas que emanam de uma cultura e se baseiam na tradição. Estas tradições transitam oralmente ou mediante gestos, e se modificam com o transcurso do tempo, através de um processo de recriação coletiva. São incluídas as tradições orais, os costumes, as línguas, a música, as danças, os rituais, as festas, a medicina tradicional e a farmacopéia, as artes culinárias e todas as habilidades especiais relacionadas com os aspectos materiais da cultura, tais como as ferramentas e o habitat”³.

Jean-Louis Luxen, que foi o Secretário geral de ICOMOS, sugeriu que “a distinção entre o patrimônio físico e o patrimônio intangível é... artificial” (UNESCO 2000). O patrimônio intangível brinda significado aquele que é tangível: lugares, instrumentos musicais, objetos rituais, etcétera. Dawson Munjeri afirma que a tangibilidade é pois secundária: “o tangível só pode ser interpretado mediante o intangível” (Munjeri 2000). O tangível atua como uma ferramenta mnemônica da memória (Beazley 2002), ainda que a relação existente entre o lugar ou objeto e os significados associados a ele sejam de suma complexidade (Truscott 2003)⁴.

² Aikawa, Noriko, Diretor do departamento de patrimônio intangível, UNESCO, “Patrimônio cultural intangível: novos delineamentos a respeito de sua salvaguarda”, em www.crim.unam.mx/cultura/informe%20mund2/PATROMONIO.htm

³ “Patrimônio imaterial” em Culture & UNESCO, www.unesco.org/culture/heritage/intangible/html_sp/index_sp.shtml

⁴ Rede Internacional de Políticas Culturais (INCP-RIPC) Instrumentos legais e financeiros para salvar nosso patrimônio intangível. Tradução de CONACULTA, agosto 2003. Disponível na Internet.

As citações remetem, aparentemente, a preservação de *corpus* tradicionais reconhecíveis e reconhecidos, ainda vivos e conscientes. Constituem-se com as práticas sociais comuns – ou diferenciadas por classe, etnia, religião -, tanto no espaço privado como no público. Concordo em parte com estas caracterizações que, não obstante, me resultam muito tradicionais e fixadas em culturas rurais – ainda que possa incluir grupos mais ou menos homogêneos de imigrantes das cidades.

Necessito, nesta ocasião, um marco mais amplo para situar a importância e função do patrimônio intangível. Este que proporciona a noção de patrimônio – em geral – como forma de auto-reflexão, de autocontemplação, de consciência da própria cultura. Tomarei como referência desta reflexão um estudo feito em 2000⁵ para uma equipe de museólogos que, respondendo ao interesse do Governo do Estado, projetavam abrir um museu histórico da cidade de Chihuahua. Este não prosperou por dificuldades externas ao projeto mesmo, mas me parece um antecedente interessante de intento de articulação séria entre museólogos e sociedade.

Não havia coleção e, no lugar de adquirir peças no mercado, “ilustrativas” de um roteiro científico, tiveram a sensibilidade de imaginar que era pertinente fazer uma exploração junto à população acerca do que apreciava e valorizava, positivamente ou não. Orientei o trabalho para que fosse possível uma valorização museológica de temas e problemas da cidade, levando em conta o imaginário social.

Em matéria de história nacional ou local, as coleções são paupérrimas em todo o país. Somente podem se formar quando existe investigação suficiente e que se saiba que identificam culturalmente os diversos grupos socioculturais, étnicos ou religiosos.

Já dissemos que os processos de constituição do patrimônio histórico têm sido realizados pelo Estado. Este tem sido o mais necessitado a materializar a história, construindo um passado comum com aqueles objetos e mensagens que legitimam a ilusão de compartilhar uma mesma história entre todos os setores. Entretanto, a força da versão da história e dos mapas sócio-culturais que o museu construía dependia, também, de não encobrir as diferenças e os conflitos, resolvendo isto de maneira adequada, como uma trama de histórias paralelas ou entrecruzadas.

Os resultados da investigação nos dizem daquilo que cada grupo social valoriza, ou, que vários ou todos valorizam, basicamente é intangível, com um menor grau de consciência patrimonial. Traduz os valores em possíveis objetos-testemunho, com os quais fazer uma exposição ou formar uma coleção. Uma campanha de aquisição com pleno apoio da população poderia dar como fruto, achados de peças e documentos originais e, por outro, uma pista para avaliar que tipo de objetos reproduzir. As recomendações não somente sugeriam como fazer visíveis – ou audíveis – os valores, seja em termos museológicos ou de registros, senão, além disso, quais programas de comunicação e educação implementar com a finalidade de conceber e respaldar ações apropriadas para o reconhecimento, o debate e

“Valorização patrimonial, de pre-conceitos históricos e necessidades culturais na cidade de Chihuahua”.

preservação do patrimônio intangível, dentro do programa do museu e fora dele, através de ações de promoção patrimonial.

Não podia ignorar os limites que o compromisso implicaria se o produto final conduzisse à criação de *um museu, museu de história*, dentro de um edifício, independentemente de que as conclusões levassem a recomendar outro tipo de ação. Referirei-me a isto mais adiante.

O trabalho manifestou as maneiras que diferentes atores sociais representam a cidade. Ainda que tais representações discordem dos conhecimentos históricos dos peritos, são altamente significativas para saber que assuntos interessam, assim como quais são fonte potencial de conflito e como tratá-los para não despertar resistências inúteis, que se voltem museograficamente invisíveis ou irritantes para os visitantes.

Conduzi um estudo qualitativo, com técnicas de entrevistas grupais com profundidade⁶. Em nenhum momento se mencionou que o estudo se destinaria a formação de uma coleção, para evitar que as valorizações fossem influenciadas pelo que as pessoas pudessem imaginar “importante” colocar em um museu, justamente por que nos fundamentamos em uma noção expandida de patrimônio e, por tanto, de coleção.

Intangíveis

A cidade de Chihuahua praticamente carece de museus. A Quinta Guamero possui uma bela coleção exógena de objetos *Art Nouveau*. O Museu Pancho Villa se concentra no personagem e sua participação na Revolução de 1910. A cidade não atrai turismo nem nacional nem internacional, salvo alguns de passagem. Coube se perguntar: se onde não há processos de patrimonialização – e musealização – de objetos culturais – tangíveis e intangíveis –, onde não parece se compartilhar uma consciência de valorização cultural nem de investigação, onde não se constróem, compartilham ou debatem histórias no plano simbólico, porventura aí não há cultura? Que acontece entre o público e o privado?

Uma das conclusões principais de nosso trabalho é que a cultura da cidade de Chihuahua é frágil no sentido de que a sua consciência é escassa ou nula. Surgem uma e outra vez dos *sentires* gerais muito ancorados no imaginário: o passado não é importante e em Chihuahua não há patrimônio cultural. Outra conclusão chave do estudo é que, o que se valoriza é um *estilo de vida* que surge ameaçado pelas trocas recentes na cidade: o estilo de vida do povo e do rancho, que ainda prevalece apesar do acelerado crescimento de Chihuahua. Não há nostalgia de objetos, porque este estilo de vida atua como presente.

O bem comum mais apreciado é “o ser trabalhador”. Trata-se de uma qualidade e de um bem intangível. Ele é percebido como o grande organizador da vida cotidiana e social. Isto, apesar de certa diferença “os protestantes, sua relação com o trabalho é impressionante... Eu, como católica... se dá um lugarzinho ao trabalho... mas sim te digo que as pessoas de Chihuahua são muito trabalhadoras e habilidosas”.

Para a investigação realizada em Chihuahua utilizou-se o método qualitativo através de entrevistas grupais, entrevistas individuais em profundidade, observações de campo e análises documental e bibliográfico. As amostras consideradas tiveram como hipóteses que o nível socioeconômico, a idade, o sexo, a ocupação e os interesses sindicais ou cooperativos podem incidir em valorizações patrimoniais diferentes e levar a compreender uma diversidade de necessidades culturais. Efetuamos sete entrevistas grupais na cidade de Chihuahua, onze entrevistas em profundidade, nove observações de campo, múltiplas análises bibliográficas e documentais. Não se considerou adequado ao objetivo principal do estudo realizar uma investigação quantitativa.

Em termos de formação de coleção, o problema “trabalho” pode ser abordado desde as profissões até a vida cotidiana. E as profissões com valorização diferente segundo grupos sociais – mineiro, criador de gado, empresário, operário e executivo da indústria maquiladora⁷. Entretanto, sobre as profissões se delinea a figura do desbravador, que aos olhos dos chihuahuenses condensa as virtudes maiores: “Começou por baixo e chegou ao que é hoje”, e isto é ainda mais válido entre os setores poderosos.

Os valores que condicionam os critérios de ação e consumo são dois rigorosamente relacionados: a modernidade tecnológica e a funcionalidade. Valores em tensão aparente com uma forte necessidade de conservar, como cultura geral, somente a dos criadores de gado, centrada na figura do homem, da família e da terra. As mulheres se ocupam de suas casas, as profissionais devem deixar claro que o mais importante é sua família, não seu trabalho. A mentalidade empresarial não compete ainda com o gado no tocante aos costumes.

Em matéria de mobiliário e utensílios domésticos se aprecia o prático e a novidade, como nos Estados Unidos. O velho se despreza, sem dúvida e sem nostalgia (com exceção de umas poucas famílias sofisticadas de estirpe). Os ranchos contam com escasso mobiliário posto que são considerados lugares de trabalho e não de ócio ou ostentação. A estética é protestante, sem mais sensualidade que a de alguma ordem, com pouco peso ou densidade na comunicação.

Profundamente pautados pelo trabalho em horários e ritmos, no ócio e na sociabilidade, os setores econômicos altos e médios escolhem levar uma vida familiar intensa e amistosa – forte marca identitária – casar “bem” filhos e filhas, perpetuar a relação entre linhagens familiares e linhagens de negócios tanto em pequenas reuniões como em muitas freqüentes festas. Diante das trocas na cidade, o grupo privilegiado se refugia em seus clubes privados (Clube Campestre, as próprias casas) não antigos mas vividos como legítimos.

No entanto, em grupos populares, o tempo livre se altera em ir a algum bar ou discoteca, a conversar e dançar. Porém em todos os setores “ir as compras” é uma prática comum, ligada ao ócio tanto como a necessidade. Existe um aparente excesso de lojas de roupas de festa, incluindo seções de supermercados, que comprovam a importância social das festas. É, portanto, em espaço privado, muito mais que em espaço público, onde se exercita a sociabilidade.

Uma forma de fazer visíveis museograficamente estes valores, poderia ser mostrar os entornos de desenvolvimento da convivência em distintos setores sociais. Por exemplo, a cozinha, como espaço privado social que condensa várias práticas e valores históricos atuais. Assim mesmo, todos apreciariam ver signos, símbolos e metáforas do tempo (agendas, horários, uso do tempo em um dia por parte dos homens de diferentes profissões e de mulheres); historicizar as festas “privadas” (rituais históricos e atuais de bodas ou apresentações em sociedade) e sua força em relação com o desgaste das

N.T. – segundo o dicionário espanhol mexicano, por “indústria maquiladora” entende-se as atividades geralmente em pequenos ateliês, que os trabalhadores realizam para fábricas, como parte do processo de produção de uma mercadoria que requer um trabalho manual ou unitário, como por exemplo unir algumas peças de aparatos eletrônicos ou casear e pregar botões na confecção de roupas. Disponível em: <http://mezcal.colmex.mx/Scripts/Dem/principal.htm>.

festas públicas (*Expongan*, Feira de Santa Rita) e fazer visível a função social profunda da conversa nesse estilo de vida.

Viajar, sair de férias implica também ir às compras a El Paso e ao Texas, ou, para os jovens, explorar algo do sul dos EUA. Esse é o território expandido que transitam, dentro de sua autopercepção do isolamento de Chihuahua em relação ao resto do México.

O modo de ser das pessoas se percebe e idealiza como independente, autônomo, pouco influenciável, direto, honesto, hospitaleiro, generoso e amistoso. É outra resposta às dificuldades do isolamento, ao abandono de Chihuahua por parte do centro, ao escasso desenvolvimento e participação do Estado na vida moderna. A hospitalidade e generosidade entram em conflito com o “na realidade somos muitos fechados”, quer dizer, com o sectarismo com que cada grupo crê proteger melhor sua identidade. Na realidade “a gente” é um conceito com múltiplas exclusões: minorias como as dos cholos, chilangos, sureños, prostitutas, homossexuais, ou ainda negações como a da composição negra que houve na população ou o aporte das igrejas protestantes.

As exclusões e negações põem de manifesto os motivos pelos quais não podemos falar de “uma” história de Chihuahua na qual todos se reconheçam por igual, e a importância de propostas de construção patrimonial (museográficas ou documentais) que dêem espaço a diversidade, evitando criar retrocesso. Um modo sugerido é o de reunir e registrar relatos que destaquem as características citadas. Estes encontrariam eco com facilidade: os apaches rebeldes, Pancho Villa com “o centauro do norte”, o caráter pioneiro, os tarahumaras independentes que permanecem em seus povoados, os menonitas prósperos, assim como a consideração a personagens históricos ou legendários para os quais as pessoas pedem mais reconhecimento: por exemplo, os missionários e o setor da igreja que apoiou os movimentos de 1972 e 1986, ou artistas oriundos da zona (Siqueiros, Aceves Mejía), empresários admirados, personagens da cultura popular como La Pascualita, chorona que caminha pelo arroio, e os corridos, como meio de transmissão de tantos mitos e lendas. Um banco de dados acerca das pessoas importantes, de corridos e objetos relacionados com elas é, sem dúvida, uma forma de construção patrimonial adequada aos bons valores.

Na população consultada, encontramos dificuldades de ligação com o passado, com a memória. A tendência é a fuga para o presente e o futuro imediato. Os interesses e os problemas se expressam na sua atualidade e nas projeções que as pessoas realizam em relação ao futuro.

A ausência de uma origem compartilhada (vivida como falta de raízes e não como riquezas de contribuições migratórias) e as dificuldades do meio, fortalecem atitudes de sobrevivência, uma olhada para o futuro.

Não obstante, as etapas históricas e os conhecimentos que se cristalizaram nas mentalidades são:

A colonização, em sua face “levantar-se do chão”, as rebeliões de índios. Há interesse por conhecer a colonização através de histórias de vida de famílias ou indivíduos. Portanto, seria importante mostrar as diversas origens das quais os chihuahuenses são descendentes (espanhóis, libaneses, ingleses, franceses, americanos protestantes, negros, chinos, etc.) como parte do pioneirismo com o qual se identificam. Há objetos que podem ser reforçadores de identidade (utensílios de trabalho, coisas da casa, roupas, cartas, documentos, etc.). “As coisas velhas não me interessam, as antigas sim, até as compro”.

A fundação da cidade, ligada as minerações, as missões, a criação de gado e a catedral, surge como uma desesperada necessidade de remeter-se as “origens”, não tanto históricas como míticas.

Vencer adversidades: lidar com secas, trombas d’aguas e inundações; com o incêndio de Pemex, são acontecimentos nos quais os setores médios e populares se reconhecem a si mesmo em sua força e sua capacidade de solidariedade.

Perda e defesa de território.

O tema da perda é certamente doloroso e importante. Em relação a ele se mencionaram os seguintes personagens: o Padre Maldonado e sua perseguição, Cuchillo Parado e Toribio Ortega na Batalha de Sacramento.

A HISTÓRIA NEGADA.

As invasões de prédios, o Bárzon ou as greves e outras formas de luta social não formam parte dos “orgulhos” dos setores consultados, já que os sentem como ameaças para a tão apreciada tranqüilidade. São processos “negados” pelos não-atores na medida em que os resultados não são constitutivos de sua identidade. Além disso, apesar da presença de migrantes de outros estados do norte, como Sonora ou Coahuila, inclusive Monterrey, estes não aparecem nas representações, não foram incorporados nem à cidade, e nem a cidade é vista como parte de uma região do norte.

Isto requeriria um tratamento museográfico delicado, não confrontador, como aquele utilizado pelo Museu da Civilização em Quebec, para mostrar aspectos negados de sua história: uma sala escura onde o visitante podia, se assim o quisesse, apertar um botão que iluminava, um de cada vez, módulos com cenas e objetos desses aspectos.

A revolução é parte da história oficial a qual se apropria afetivamente porque acentua o caráter rebelde do chihuahuense.

A Associação dos historiadores começa a prestar atenção aos vazios mais notáveis que a investigação acadêmica deixou: a história social e econômica da colônia, a primeira metade do século XIX. O período entre 1920 e 1980. Deste modo, na tarahumara falta estudar o século XX, a revolução.

Até aqui, o que encontramos são imaginários, representações, cristalizações que, se bem possuem suas razões de ser, não necessariamente ajudam a dinamizar a via social e cultural. Sem dúvida se joga com valores. Mas, se os tomasse literalmente poderíamos cair na conformação de um repertório de objetos e documentos *ilustrativo* de tais cristalizações, em esteriótipos, ou na materialização do idealizado.

Sem dúvida, pretendemos descobrir quais bens, tangíveis ou intangíveis, são apreciados pela sociedade, quais valores poderiam dar-nos a pista para reconhecer algum sinal daquilo que denominamos patrimônio. Não obstante, as adesões e retrocessos se apresentaram em muitos casos de maneira tensa, conflituosa e nos demos conta de que se necessitava de um certo desvio para encontrar bases mais sólidas.

Já que não nos interessava propiciar um culto aos ideais ou a memória congelada, compreendemos que os valores culturais encontrariam maior espaço e material se prestássemos atenção *as inquietudes manifestadas pelas pessoas em relação ao futuro e com os problemas e trocas que percebem na cidade.*

A CIDADE, ENTRE TEMORES E EXPECTATIVAS

Existem inquietudes em torno da cidade. As imigrações massivas, por crescimento da indústria maquiladora que se identificam com perda de tranquilidade e segurança (situação que mudou a partir de 2001 e do deslocamento da inversão até outros estados do país e sobre todo até China e Brasil). Também, se temia a perda de valores que a desintegração familiar, o desenraizamento e o materialismo excessivo poderiam acarretar. Sem dúvida preocupava a contaminação do ambiente atribuída a indústria maquiladora.

Quanto às expectativas, para os setores médios e altos, o futuro era sinônimo de crescimento, apesar de seus temores. Os trabalhadores percebiam-se sem futuro ainda que reconhecendo nas maquiladoras o único fator de crescimento do Estado.

Esperava-se continuar com a alternância de partidos políticos no governo, motivo de orgulho (o que, portanto, tendia a apagar ou negar seus aspectos negativos: restrições, impostos ...). Esperava-se solução ao problema de água, cuja escassez é um freio ao desenvolvimento, crescimento da agricultura e criação de gado, assim como solução ao problema do narcotráfico, a falta de oportunidades de trabalho para os jovens, a superação do isolamento (comercial, comunicacional, tecnológico), ou seja, se esperava mais abundância, estar na moda, contar com melhores vias e estradas, com infra-estrutura de ponta - tendo a Monterrey como imagem inspiradora -, dispor de mais tecnologias para uma melhor qualidade de vida, sobretudo para superar o problema da água e, finalmente, conseguir maior desenvolvimento cultural e uma cidade mais bela.

Dáí nossa hipótese de que a indústria, as lutas sociais, a água e a tecnologia, uma cidade mais bela e segura, seriam os núcleos temáticos a desenvolver diversas disciplinas e, também, a historiar, ao redor dos quais formar coleções tanto ou maior que as idealizações enumeradas no começo.

O PATRIMÔNIO TANGÍVEL

Para os cidadãos tanto quanto para os visitantes, salta à vista a quantidade de terrenos baldios fruto de destruições de edifícios antigos no Centro Histórico. A substituição por edificações modernas é lenta e, segundo arquitetos e urbanistas, locais pouco felizes. As pessoas lamentam a visão dos terrenos baldios, ainda que não registrem como realmente é valiosa a arquitetura perdida. Em tempo de mudança, de especulação imobiliária e financeira selvagens, de fronteiras culturais apagadas pelos meios, viagens e consumos, Chihuahua, estado fronteiriço, resente ainda mais as pressões destes agentes.

Não obstante, os chihuahuenses valorizam positivamente certo caudal patrimonial: a catedral, em seu caráter de ponto de encontro e por sua qualidade estética, o centro histórico em geral, o palácio do governo, o aqueduto, a Quinta Gamero e a Quinta Carolina, a Porta de Chihuahua e A árvore da vida.

Quanto ao centro histórico, marcadamente popular, os outros setores sociais o freqüentam pouco, com o pretexto da falta de estacionamento ou de edifícios altos onde instalar seus escritórios. Na realidade está em disputa se a zona deve ser uma concentração de escritórios do governo, ou de iniciativa privada ou – no sentido excludente – zona de mercado e de recreação popular.

Os setores populares sentem o efeito da redução de espaços verdes na cidade e em seus arredores “até os morros que estão em nossa proteção nos tiraram”. A perda se dá pelo menos em três níveis: de identidade cultural pela perda de patrimônio natural, diminuição da qualidade de vida por excesso de contaminação e carência de espaços verdes para esparecimento “limparam dos perigos uma zona popular e colocaram-na uma estátua de touro”. No entanto, uma olhada sobre o patrimônio tangível cultural e natural tão pouco dá lugar à nostalgia do passado: cria um espaço mais à expressão de preferências ou urgências atuais.

Em cada aspecto estudado não só encontramos uma forte tendência de fuga até o presente e ao futuro, senão que se revela ademais uma dificuldade de focalizar-se na cidade. Ao perguntar de diversas maneiras sobre aquilo que mais querem na cidade, as respostas se deslocavam constantemente à “serra”, por suas belezas naturais. Os bens naturais mencionados de maneira reiterada por todos os setores foram: o céu azul de Chihuahua⁸, os entardeceres, os morros, a cascata.

O dito confirma a imagem de Chihuahua e sua cultura como “rancho grande”, de onde não é possível esperar tesouros arquitetônicos. Seu processo de crescimento e modernização é percebido como partindo praticamente do zero em termos urbanos.

Em suma, da cidade se apreciam as qualidades naturais de sua paisagem, mais que seu perfil urbano; do perfil urbano o ponto de referência aceito é a Catedral, e seu atrativo principal o acesso a consumos múltiplos, sempre e quando se podem manter as redes sociais de mútua proteção.

James Turrel deve ser talvez um dos poucos artistas capazes de materializar um valor compartilhado pela maioria dos habitantes da cidade de Chihuahua: o céu azul. No jardim escultórico de Israel Museum em Jerusalém se encontra um com uma arquitetura estranha: um severo e liso cubo de cimento plantado sobre a ladeira de uma colina. O enigma de sua presença somente se resolve explorando, tentando dar-lhe a volta, o que equivale a descer a galerias inferiores. Em certo ponto se percebe o vão de uma porta e um corredor coberto. O atravessa e ingressa em um amplo recinto vazio, salvo por uma saliente que funciona como banco em todo o perímetro. A luz é intensa e te impulsiona a elevar a vista. O teto é o céu azul, o surpreendente azul do céu do deserto.

Tanto que os melhores produtos do trabalho que reconhecem como próprios, ou com os que se identificam foram: o gado fino, a carne seca, o queijo menonita, as omeletes de farinha e as maçãs.

Em concordância com a identificação de um estado criador de gado, os produtos industriais não representam ainda um valor ou um orgulho.

Por isso, em nível museográfico se recomendava relacionar, em um mesmo espaço diferentes épocas e valores, colocando, por exemplo, sobre uma mesma base, um objeto de arqueologia pré-hispânica, outro colonial, outro industrial.

QUAL PROJETO MUSEOLÓGICO?

Nosso estudo pretendia, por uma parte, conhecer a valorização consciente de bens culturais ou explorar valores ainda não identificados conscientemente como patrimônio. Podemos concluir que estes últimos predominam como bens intangíveis, correspondendo, sobretudo a estilos e qualidade de vida. Isto nos levou a formular algumas sugestões museográficas.

Mas, por outra parte, aspiramos a conhecer as tensões e conflitos que freiam a construção de identidades e de patrimônio que lhe daria visibilidade social. Esta aspiração não conduz a contentar preferências, reforzar cristalizações e divisões sociais senão a sugerir caminhos para diluir os obstáculos a sua compreensão.

Um empreendimento de tal envergadura excede as responsabilidades de um único museu. Requer, sem dúvida, uma política patrimonial mais ampla que não se limite a abrir museus, senão a uma multiplicidade de ações que envolveriam o sistema educativo, os meios, a academia e, certamente, a um alto grau de participação social.

É evidente a enorme dificuldade para admitir a diversidade de culturas religiosas, étnicas ou urbanas. Se bem que, por uma parte esta dificuldade serve – como qualquer posição negadora ou excludente – para a autodefesa de um grupo, por outra, restringe o crescimento. Por isso nos perguntamos desde quais disciplinas – e objetos – dar respostas as principais inquietudes do presente e do futuro, como eixos organizadores e mobilizadores.

A história de Chihuahua, como história idealizada de alguns pioneiros, somente satisfaz a um setor da sociedade e resulta excludente de muitos outros. O futuro museu e/ou o programa de promoção patrimonial que se concretizem, poderão deixar guiar e, ao mesmo tempo, transformar as percepções mais enraizadas: o passado não é importante, em Chihuahua não há patrimônio cultural, por uma parte; por outra, a inquietude sobre os problemas do *meio ambiente*, que se considera *um bem patrimonial em processo de extinção*. Existe certo grau de consciência a respeito (contaminação do ar e problemas da água em particular).

Qual é o tipo de museu que pode ocupar-se de promover as culturas e as histórias e, ao mesmo tempo, dar lugar a enfoques ecológicos e suas possíveis soluções?

Provavelmente um transdisciplinar, que trabalhe perguntando a si mesmo e interrogando constantemente a cada participante e visitante, quais temas e objetos faltam, quem falta ou de que maneira faltam. O tratamento sincrônico e diacrônico dos temas e problemas é o mais recomendado.

Em matéria de investigação, museografia e edições, a partir de fatos que nas representações sociais encontram consenso, (a Independência, o isolamento, os apaches, a Revolução, a indústria maquiladora, etc), seria conveniente dar lugar as diferentes memórias dos que se sentem pioneiros ou descendentes de pioneiros, dos índios, dos imigrantes de outros estados e do exterior. Também, os programas de comunicação educativa haverão de apoiar o projeto com atividades relativas aos temas conflitivos para os chihuahuenses, sem necessariamente mencioná-los diretamente: a dependência, a carência de raízes, não pertencer à macro-grupos, o temor às mudanças (por exemplo, do rol da mulher).

Com a finalidade de continuar construindo a noção de patrimônio, sugeriu-se realizar ateliês de conservação preventiva do patrimônio natural e do patrimônio cultural, incluindo a noção de patrimônio industrial. Do mesmo modo, de acampamentos de zootecnia, mineração, arqueologia, artesanatos, entre muitos outros possíveis.

Conhecer, construir e interpretar o patrimônio tangível da cidade a partir de seu patrimônio intangível é um projeto que pode concretizar-se em um museu-sede, é desejável que assim seja. Mas, cabe a possibilidade experimental, respeitando o caráter de processo de construção patrimonial, iniciar com programas de ação mais descentralizados, incluindo processos de promoção etnográfica, edições impressas e eletrônicas, tanto como de vídeos, campanha nos meios de comunicação. Algumas de suas manifestações podem ser exposições temporais, ateliês ou cursos em diversos espaços da cidade, realizados com a participação – e a iniciativa – de grupos sociais, erários, étnicos e religiosos diferentes.

Existindo uma sede fixa ou não, o estudo sugere um conceito e um tipo de exposição ou museu da cidade: aquele que atravessa e é atravessado pelos diversos atores sociais e pela rua; toca o público e, de leve, o privado; flui, pertence.

Caso esta idéia fosse retomada, caberia extendê-la a vários planos de ação. Desde a perspectiva museográfica, por exemplo, os espaços de circulação poderiam ser as ruas atuais, do passado e do futuro, a partir delas ver os conteúdos. Os meios de comunicação também são espaço público. Com a finalidade de reforçar a experiência participativa, se sugeriu estabelecer a conexão entre o que parece privado ou individual e o público, através de um terminal de computadores que conecte os visitantes das exposições com “cartas dos leitores” em jornais locais e com “cartas dos visitantes” em um jornal eletrônico do museu. Esta recomendação se sustenta em saber que os habitantes da cidade lêem jornais locais e que não os substituem pelos noticiários televisivos. Pelo mesmo motivo, o museu (o projeto) poderia distribuir boletins como suplemento dos jornais. Deste modo, se confirma que há condições para um interesse potencial em publicações que tratem temas vitais para setores médios e privilegiados, em particular universitários.

Comprovamos, afinal, que o conceito de cultura predominante em uma elite reduzida, e no setor político – o da “cultura culta” em oposição a “cultura de massas” – cria obstáculo a formalização de políticas e programas culturais adequados aos diversos interesses e expectativas da população. Por exemplo, nos setores populares encontramos uma concepção mais “antropológica” de cultura, formulada assim: “cultura são as raízes, costumes, modos de viver”, que se aproxima ao conceito de cultura popular, tanto urbana como rural, amplamente compartilhadas ou marginalizadas, indica que é necessário ainda ampliar o conceito para que inclua sem dificuldades noções como a de cultura científica, cultura industrial e tecnológica.

Costumava-se dizer, até pouco tempo, que os museus serviam a comunidade, atualmente se diz que servem ao indivíduo. Esta mudança encontra correspondência com a substituição do conceito de cidadão pelo de consumidor e cliente. Baseando-nos no conceito de cidadão e em respeito à diversidade, a investigação buscou ferramentas que flexibilizaram e ampliaram os critérios usados para determinar o *historicamente significativo* e o *etnograficamente importante*. A flexibilidade resulta da coordenação de valores acadêmicos, os institucionais e os do tecido civil, com suas diferenças internas.

Como manifestou Carlos Monsiváis, o México não é uma cidade senão uma assembléia de cidades, marcada por disparidades. E em alguma medida todas as urbes o são.

A transição à modernidade que vive em Chihuahua – em todos os planos – se faria com mais facilidade se apoiada em um forte desenvolvimento cultural o qual, longe de basear-se somente na noção de cultura como belas artes ou somente na história econômica e social, para responder as inquietudes de sua sociedade, haverá de fazê-lo através das “pequenas histórias”, a cultura ecológica, científica, tecnológica e industrial. E, mais além dos resgates nostálgicos, atenderá a memória da experiência, as preocupações atuais e projetadas ao futuro de cada setor sociocultural, assim como os grupos de arquitetos urbanistas, ecologistas, cronistas da cidade e com sua cooperação.

Temos visto que o patrimônio intangível nem sempre provem de tradições muito antigas, nem se ajusta a tipos de bens apreciados em outras regiões, senão, que é específico de cada lugar, e também pode trocar paulatinamente.

Lutamos, então, por um tipo de seleção e preservação patrimoniais que se apóia, como no caso da cidade de Chihuahua, no conhecimento da valorização social de seus bens culturais e naturais, e as hierarquias que a população estabelece com eles. Nosso trabalho não substitui as histórias orais que devem acontecer, nem os registros de ocorrências e de lendas e tantos outros, mas dar pista a sua realização e para transformação em alguma medida, quando corresponda, em patrimônio tangível, em discurso museográfico, e em programação cultural.

